



# Correio Pastoral

Cón. Luís Alberto

## 24 horas de Adoração pela JMJ

05/05/2023

Amigos:

De **26 a 27 de Maio**, com início na missa das 19h de dia 26 e término na missa das 19h de sábado, dia 27, vamos realizar **24 horas de oração pela JMJ Lisboa 2023**.

A **Adoração do Santíssimo**, que terá início logo após a missa das 19h do dia 26, decorrerá depois na **Capela de Nossa Senhora da Piedade** (onde já se faz habitualmente, durante a semana, Adoração do Santíssimo entre as 16h e as 18h). **Durante a noite a Igreja estará fechada e apenas a porta lateral que dá para a Capela de Nossa Senhora da Piedade estará aberta.**

**Nunca podemos deixar o Santíssimo sozinho durante estas 24 horas.**

**Os Chefes de Equipa dos Voluntários**, distribuirão entre si as horas em que garantirão a animação da Adoração e encarregar-se-ão de fornecer alguns elementos que ajudem a viver, maioritariamente em silêncio, a Adoração do Santíssimo.

**Os que não estão inscritos como voluntários da JMJ Lisboa 2023 e queiram participar nestas 24 horas de Adoração, deverão inscrever-se no Secretariado Paroquial (217928300), mencionando a hora em que garantem a presença na Adoração.**

Lembro a **Procissão de 12 de Maio** em honra de Nossa Senhora, **entre a Igreja de Nossa Senhora das Dores e a Igreja de Fátima, com início com a missa às 20h.**

Aproveito para enviar em anexo uma meditação provocada pelo evangelho do Domingo passado.

Abraço amigo!

## A propósito das Vocações...

No Domingo passado, Dia Mundial de Oração pelas Vocações, na sacristia, dois minutos antes da missa começar, virei-me para a acólita mais nova, a Maria Helena, de 9 anos, e perguntei-lhe o que era para ela a vocação.

Apanhada de surpresa, a Maria Helena ficou sem saber o que me responder e pedi à Raquel que lhe explicasse, o que ela fez sem hesitar: *“A vocação é aquilo que a gente nasce para ser”*.

Como a Maria Helena continuava com ar de quem não entendia muito bem o que ela tinha dito, a Raquel acrescentou logo a seguir: *“A vocação é quando tu te sentes bem com o que fazes, quando sentes que devias fazer o que estás a fazer”*.

Já estava quase a dar as 19h, para a missa começar, mas ainda tive tempo de perguntar logo de seguida à Maria Helena: *“para que é que tu nasceste?”*. E aí ela respondeu-me prontamente: *“Para viver!”*.

Lembrei-me imediatamente da frase de Jesus com que terminava o evangelho daquele Domingo: *“Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância!”*.

E lembrei-me também de uma pergunta que a Mariana me tinha feito umas horas antes, quando me estava a entrevistar para um trabalho da faculdade: *“O que é que o entristece mais nas ideias feitas com que as pessoas olham para a Igreja, enquanto instituição?”* (Na altura, a nossa conversa versava a questão dos abusos sexuais na Igreja e também, de uma forma geral, os contrastes e desajustes entre a doutrina da Igreja, sobretudo em questões morais relacionadas com a sexualidade, a ideologia de género..., e os costumes e as maneiras de pensar com maior predominância na sociedade contemporânea).

Já tinha decidido, cá para mim, que a frase que citei atrás do Evangelho do Domingo, seria um dos pontos que iria sublinhar na homilia da missa e, talvez por isso, respondi imediatamente à Mariana que entendia que todos nós passamos a vida em busca da Vida em abundância. É um apelo irresistível, incontrolável, consciente ou não, mas presente em todos, porque essa é a Verdade da Vida que nos habita: fomos criados para a plenitude da Vida (que, uns mais depressa do que outros, aprendem ao longo da sua existência a identificar com a plenitude do Amor, que para os crentes tem um nome: Deus. E a explicação é simples: somos *“imagem e semelhança de Deus”*...). Foi por isso que respondi à Mariana que o que mais me entristecia não era propriamente uma coisa em concreto.

Era tudo, era ver pessoas a *“deitarem fora o bebê juntamente com a água do banho”*, era ver tanta gente em busca da Vida, escondida na sua vida, e, ao mesmo tempo, a voltar as costas a essa mesma Vida em abundância, que é Jesus.

O que mais entristece quem conhece Jesus, a Vida verdadeira, não pode deixar de ser ver tantos que O rejeitam em nome da Vida que procuram, sem perceberem que a Vida é Ele mesmo, nunca chegando a conhecê-’O de verdade...

Voltando às palavras da Raquel (assim de repente, eu não teria conseguido explicar em tão pouco tempo o que é a vocação a uma menina de 9 anos) quero ainda referir uma outra conversa que veio à baila na entrevista com a Mariana.

Ela perguntou-me se, na minha vida, nunca tinha posto a questão de me ter ou não engando na minha vocação

Olhando para trás, sei que fiz muita coisa mal feita (quem tem fé, vive isso na relação com Deus e chama-lhe “pecado”) e, por isso, há muita coisa em que certamente teria agido de maneira diferente, mas o essencial, o abraçar da vontade de Deus como critério último definidor das escolhas mais determinantes da minha vida, isso nunca teria mudado, pois não creio que haja felicidade maior, não há nada que nos faça sentir melhor na nossa pele, ou, parafraseando a Raquel, que mais nos faça *“sentir bem com o que fazemos, sentir que devíamos fazer o que estamos a fazer”*, do que dizer sim a Deus, dizer sim à Verdade da Vida que é o Amor vivido com Jesus e como Jesus!

Mas aproveito ainda deixar aqui uma nota mais pessoal.

Descobrir o que *“nasci para ser”*, descobrir o que Deus queria **para** mim (e não apenas **de** mim...), foi o que sempre me guiou durante o meu discernimento vocacional, quando essas questões se me começaram a pôr desta maneira por volta dos meus 15 anos.

Essa inquietação, naturalmente cheia de momentos de muita confusão e algum drama, vivi-a de uma forma mais complicada e sofrida, devido a uma visão errada da vocação, a visão que eu tinha na altura.

Pensava a vocação como algo de estático, algo já pré-definido, e, por isso, a busca do que Deus queria para mim era acompanhada do medo de errar.

O que seria de mim se me enganasse no meu discernimento vocacional?

(Ecoava sempre na minha cabeça o que a minha mãe não se cansava nunca de me repetir, das muitas vezes em que a ia prevenindo de que talvez viesse a sair do Seminário: *“mais vale ser um bom cristão do que um mau padre”* ...)

O que seria de mim se Deus me quisesse para padre e eu Lhe dissesse que não e escolhesse constituir família que era o que mais me atraía na altura? Ou se, ao contrário, Deus quisesse que eu constituísse família e eu não O percebesse e escolhesse antes ser padre? Estava feito!...

A vocação não é para ser entendida assim.

A vocação é uma surpresa de cada dia.

Em cada dia Deus inventa caminhos novos para cada um, qual GPS que ao fim de pouco tempo desiste de nos fazer voltar para trás quando nos enganamos no caminho, propositadamente ou não, e reinventa sempre rotas novas, para chegarmos todos ao que verdadeiramente interessa, à meta, que é o coração de Deus!

Com Deus nunca há enganos insanáveis.

Nunca há nada definitivamente perdido.

O futuro nunca está irremediavelmente comprometido.

A descoberta do que Deus quer para nós em dado momento da nossa vida nunca é uma questão de errar ou não o alvo.

É sempre a questão de saber se estamos, já hoje, sempre no presente, com o que o presente encerra de promessa de futuro, a viver a Vida em abundância que Ele nos veio dar.

A Vida eterna não é um prémio de bom comportamento para quem não faz muitas asneiras na existência presente.

A Vida eterna é Deus (*"A vida eterna é esta: que Te conheçam a Ti"*, diz Jesus na chamada oração sacerdotal, no capítulo 17 de São João, com a consciência de que na linguagem bíblica conhecer é sempre sinónimo de partilhar a intimidade, de viver com).

A Vida eterna é a Vida com Deus.

É por isso que a Vida eterna começa (ou não) já hoje para nós.

E não a viver é desbaratar o melhor da vida, é perder o melhor que a vida tem!

Porque a vida sem Vida, esfuma-se, esvai-se...